

Reitor prevê ano de cortes e restrições na Unicamp

Déficit orçamentário da universidade caiu em 2018, mas ainda é muito alto

O reitor da **Unicamp**, **Marcelo Knobel**, aposta no crescimento da economia brasileira para superar os desafios que o novo ano oferece. A maior dificuldade é continuar investindo e não deixar que a crise econômica atrapalhe os projetos de pesquisa que colocam a **Unicamp**

em vários rankings de excelência. Entre as apostas para 2018 estão a criação do Centro de Pesquisa Genômica Aplicada a Mudanças Climáticas, uma parceria com a Shell na área de energia e a criação, em conjunto com a Sanasa, do Instituto da Água.

BALANÇO III ENTREVISTA

Knobel prevê ano de cortes e restrições

Déficit estimado para 2018 é de R\$ 272,3 milhões, ainda muito alto, mas menor que o rombo deste ano

Maria Teresa Costa
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
teresa@rac.com.br

A **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** terá um orçamento de R\$ 2,5 bilhões em 2018 e precisará, mais uma vez, lançar mão de uma reserva, para poder fechar as contas no final do ano. O déficit previsto é de R\$ 272,3 milhões, ainda muito alto, mas menor dos R\$ 292 milhões deste ano. Será, segundo o reitor **Marcelo Knobel**, mais um ano de restrições, de cortes, mas com apostas de crescimento da economia do País. O orçamento da universidade depende da arrecadação estadual do Imposto Sobre Serviço (ICMS)

Apesar do aperto, plano para 2018 é investir em novos projetos

Mesmo assim, o reitor aposta em grandes projetos para 2018, como a criação, com a Embrapa, do Centro de Pesquisa em Genômica Aplicada a Mudanças Climáticas, um projeto na área de energia em parceria com a Shell e a criação do Instituto da Água, com a Sanasa, que vai trabalhar com pesquisa básica e aplicada em água.

Ele recebeu a reportagem do **Correio Popular** para uma entrevista. Confira os melhores trechos.

Correio Popular: Com um orçamento de R\$ 2,5 bilhões para 2018, o ano será melhor para a universidade?

Marcelo Knobel: Ainda é um orçamento deficitário. A notícia boa é que o déficit está reduzindo. A nossa expectativa para 2018 é de R\$ 270 milhões de déficit contra os R\$ 292 milhões deste ano, porém com a possibilidade de que haja um crescimento maior da economia e que nossas ações de contenção de despesas comecem a dar resultados mais efetivos. Ai a gente vai ter um cenário melhor. Desde o início a gente sabia que tinha uma expectativa de déficit muito grande e que o ritmo de crescimento era acelerado. O que fizemos foi reduzir esse ritmo de aceleração. Não dá para sair de uma situação deficitária dessas para uma superavitária de um dia para outro. A nossa expectativa é que, em 2020, 2021, a gente consiga equilibrar as finanças, mas ainda infelizmente é situação deficitária mas que dá para trabalhar algumas coisas.

Mesmo com as finanças ruins, foi possível adotar medidas para reduzir as dificuldades?

Introduzimos a promoção de professores e funcionários. As promoções de funcionários estavam paradas há cinco anos. Recuperamos recursos para manutenção das unidades, ou seja, já dá para dar uma respirada em relação ao que vinha acontecendo, porém ainda estamos longe de uma situação ideal.

Isso significa que, mais uma vez, a reserva estratégica será usada para cobrir déficit?

A gente tem mudado um pouco essa nomenclatura e não estamos mais chamando de reserva, porque na verdade é um saldo que temos. Sabemos que ele será consumido. É um saldo que nos permite ter um colchão de segurança que garantiu à universidade sobreviver nesses anos de extrema crise.

Que investimentos previstos com essa reserva serão cortados para poder cobrir o déficit?



O reitor da Unicamp, **Marcelo Knobel**, fala sobre os desafios para gerenciar uma das maiores universidades do Brasil: orçamento enxuto

tes, de laboratórios. Estamos priorizando.

Com essa crise ainda cabe aumento de vagas na Unicamp em 2018?

Caberia não só aumento de vagas, mas qualquer ação que mostre realmente a força da universidade. A melhor resposta que a gente deve dar à crise é um trabalho ainda mais efetivo da universidade, no sentido de mostrar práticas adequadas, a transparência para a sociedade, manter e ampliar nosso atendimento na área de saúde e também ações na graduação, na pós-graduação, mostrar que uma universidade pública é forte, está viva e que a gente conseguirá superar mais essa crise.

A reitoria enfrentou grande resistência este ano para promover cortes na universidade. Em 2018 haverá mais necessidade de cortes?

Sem dúvida. A crise não passou. Está melhorando, mas não passou. É essa discussão que a gente tem tido em diversos setores da comunidade interna. Os primeiros sinais de melhoria do ICMS começam a aparecer, temos resultados das nossas práticas, mas não significa que está superado. Ainda temos um déficit bastante considerável. O que precisamos fazer é estabelecer

“

A crise não passou. Está melhorando, mas não passou. É essa discussão que a gente tem tido em setores da comunidade interna.

Acho que a gente poderia ter uma política um pouco mais forte em relação aos docentes e funcionários. Fizemos obras por etapa e algumas que estavam começando foram paradas e nesse momento estamos retardando início de novas obras até a situação econômica melhorar. São obras essenciais, de ampliação de atendimento de pacien-

“

Implementaremos uma discussão importante para a universidade sobre uma rediscussão curricular. Métodos de ensino, currículos e modernização.

um diálogo franco. Muitas vezes há desconfiância em relação a dados. Nossa plataforma de campanha foi a transparência e continua sendo a de mostrar para a sociedade os dados como eles são, as contas, os gastos. A franqueza facilita muito na hora da discussão.

A crise chegou a afetar a pesquisa na universidade?

Em alguns casos, talvez sim. Esporadicamente, se houve algum laboratório que tinha que ser reformado e não foi, algum professor que precisava ser contratado com mais urgência. Isso é algo que demora a refletir. Para construir o sistema de ciência e tecnologia que o País tem hoje, demorou 60 anos e claro que tem uma base estabelecida. Os reflexos dessa crise que estamos atravessando serão sentidos talvez em quatro, seis anos, onde começará a ter uma diminuição no número de trabalhos, de pessoas. Nossa preocupação é a manutenção de bons quadros para a universidade, a sobrevivência em longo prazo. As crises acabam tendo um fator imponderável que é a atratividade de novos talentos para o futuro.

Qual será o principal projeto da Unicamp para 2018?

A energia principal, nesse primeiro ano de mandato, foi na discussão de medidas restritivas, uma agenda bastante impopular. Mas que é necessária. Ao mesmo tempo fomos criando diversas iniciativas que são interessantes, mas que, devido ao tamanho da crise, passaram despercebidas. Criamos a cátedra de refugiados, que é uma iniciativa importante. Entramos para o Pacto da Cidadania e Direitos

Humanos, para a gente discutir questões de diversidade, dos direitos humanos e que estão na agenda do dia a dia. Inauguramos o espaço do Instituto de Estudos Avançados, que vai trabalhar diversos temas da fronteira das ciências. Tivemos a notícia de sermos os primeiros da América Latina, implantamos as cotas. Para 2018 implementaremos uma discussão importante para a universidade sobre uma rediscussão curricular. Métodos de ensino, currículos, modernização e atualizados dos currículos.

Qual o problema em relação aos currículos?

No Brasil, os estudantes passam muitas horas de seu tempo em sala de aula e temos diversas iniciativas que podem colaborar com a formação ainda mais abrangente do aluno, com uma formação mais humanística, que possam incorporar a inovação, o empreendedorismo na participação em pesquisa, na iniciação científica, empresas juniores, empreendimentos sociais. Aqui temos um ambiente propício para esse tipo de atividade mais extracurricular, que hoje em dia são pouco consideradas no currículo. É uma rediscussão, ver como as coisas estão ocorrendo nos melhores lugares do mundo, repensar um pouco as tecnologias e as práticas em sala de aula. Na pós-graduação temos o projeto, com a Capes, de internacionalização, estamos preparando projetos para isso.

Quais os projetos de pesquisa que devem deslançar em 2018?

Acabamos de assinar um convênio com a Embrapa para a criação do Centro de Pesquisa em Genômica Aplicada a Mudanças Climáticas que vai desenvolver soluções biotecnológicas com o uso de técnicas de genômica, genética e biologia molecular para a adaptação de culturas agrícolas a altas temperaturas e deficiência hídrica. Temos perspectiva de fechar com a Shell um grande projeto na área de energia e estamos discutindo novas ideias e possibilidades na área de pesquisa como a criação do Instituto da Água, em parceria com a Sanasa, que vai trabalhar com pesquisa básica e aplicada em água. A gente tem pesquisadores de várias áreas e uma das maiores empresas fornecedoras de água do País. Na área cultural temos o desafio de colocar a Unicamp mais no mapa cultural de São Paulo, trabalhar para finalizar o teatro. É uma aproximação maior com a sociedade. Trazer a universidade de mais próxima da sociedade.

Projetos para a Fazenda Argentina devem deslançar em 2018?

Temos a renovação da sede da fazenda, com a Campinas Decor, que fará o restauro. Para a fazenda, o projeto é implantar na área um centro internacional sobre energia e sustentabilidade. Estamos discutindo como seria a governança desse centro, mas a ideia é ter empresas, governos de países, setor público, privado, outras universidades, em torno de uma temática comum, que será a sustentabilidade. Juntar pesquisa básica, aplicada, com possibilidade de ter centro de convenção, empreendimentos associados para toda aquela área que, no seu DNA, é um polo de tecnologia da cidade. Estamos em conversa com Fapesp e outros setores para viabilizar um plano diretor para a fazenda